

CARTAS À MOCIDADE

«Não seria conveniente que os homens mais ocupados descansassem um pouco e se dessem à tarefa de reflectir, interrogar-se, examinar a utilidade do que fazem? E mais ainda, vós, oh! moços, não deveríeis, antes de entrar nesse vasto mundo, que vos espera ao sair do liceu, procurar com o olhar e seguir em pensamento o caminho que vos espera, para saber onde elle vos conduz? Como haveis de assegurar-vos da melhor obra a realizar, se não vos detiverdes para duvidar, fazer comparações e reflectir serenamente?»

TOLSTOI.

I

Queres ser um Homem?

És moço. O teu desejo inquieto sonha os destinos grandiosos. Chegaste à encruzilhada dos mil caminhos. E hesitas. É à tua incerteza que eu desejo falar. Com que direito? estou a ouvir que me perguntas. Venho de percorrer muitos dos caminhos do mundo. Mas, através de hesitações e quedas, sempre a luz me bateu de frente sobre o rosto. Já me sacrifiquei pelos homens todos, pela beleza da vida. Posso falar. E falo-te tanto pelo pesar dos erros, como pela alegria das boas obras realizadas.

Sim, tu hesitas. Mas eu conheço o teu desejo. És um moço: queres ser um homem. Pois eu venho dizer-te que sejas um homem, mas um homem na plenitude, na grandeza, no esplendor heroico dessa palavra gloriosa. Sim, venho dizer-te que sejas um homem digno dos presentes que o Tempo depõe nas tuas mãos, pela realização de todos os teus deveres. Nascestes na mais bela e trágica hora da vida da humanidade. Rodeiam-te catástrofes, incêndios, ruínas, incertezas. Todavia, um vago còro de esperança se ergue do coração dos homens. De ti depende que essa esperança se volva em realidade e que outro canto mais ancioso e alevantado se reerga sobre a terra.

Eu sei que à tua beira se abrem os caminhos fáceis e sedutores. Se és ambicioso, podes ganhar glória, dinheiro ou poderio, com pequeno custo. Escritor, basta-te lisongear o mau gosto do público e as suas peores inclinações. Político, enfileiras nos partidos e dobras-te às imposições das clientelas. Jornalista, serves as oligarquias do dinheiro e as paixões populares. Profissional, abres balcão e fazes da tua profissão apenas um negócio. És, emfim, um habildoso animado pela cupidez: oprimes os fracos, abusas da ignorância, aproveitas as condescendências da moral comum, exploras a miséria, a estupidez ou os vícios humanos, e depressa che-

garás aos fastígios illusórios que não alcançam os que trabalham com esforço rude e com desejo de justiça. Esses são, em verdade, os caminhos mais fáceis. À tua volta os teus falsos amigos, quantas vezes os teus próprios pais e parentes impelem-te docemente e juncam de rosas a lisa estrada para que ela te apeteça mais. Pois eu digo-te: se meteres por aí, degradas-te à condição repugnante de certos animais inferiores, que mudam a côr conforme o meio e parasitam para poder viver. Desonrarás em ti o que há de mais belo na humanidade, — a aspiração crescente de beleza e perfeição. O que distingue as sociedades superiores é exactamente o grau de cooperação e solidariedade entre os individuos. Quanto mais servires o egoismo que dissocia e aumentares a hostilidade entre ti e o teu semelhante, mais enfraqueces e rebaixas a sociedade a que pertences.

Ao contrário, o homem superior, o mais forte, o mais belo é aquêle que mais desinteressadamente serve a comunidade. E uma sociedade será tanto mais sólida e perfeita quanto maior o número dos espíritos que a servem com puro desinteresse.

Esses são os grandes valores humanos. E senão medita. Que valem para a glória da França e da Humanidade os seus guerreiros, os seus monarcas e potentados, se os compararmos com os nomes de Pasteur, Lavoisier ou Descartes? No cortejo do coroamento de Jaime I de Inglaterra, Shakespeare figurava entre os mais pobres, com o seu manto oferecido, de seis shillings. Hoje poucas pessoas conhecerão o nome dum só dos faustosos dignitários que seguiam o rei, enquanto o genio de Shakespeare exalta cada vez mais o coração dos homens em todo o mundo. Os papas sucedem-se há séculos na tiara romana e nenhum deles teve sobre a humanidade a influencia de S. Francisco de

Assis, com o facto, na aparência tão simples, de falar ao sol, aos pobres, às aves e às feras, como a seres irmãos.

É que a evolução da humanidade faz-se no sentido duma crescente aproximação moral e espiritual. A obra daqueles generosos criadores possui um poder de influência e irradiação incalculável. E a história esquecerá pouco a pouco o nome dos conquistadores e dos ambiciosos para se tornar a glorificação dos construtores e dos apóstolos.

Mas nem todos, dirás tu, podem aspirar a essas culminâncias da ciência, da filosofia, da arte ou da bondade. É certo. Também a eles não os guiou a esperança de glórias no futuro, mas apenas o desejo de harmonia perfeita entre o acto e a consciência. Para realizar essa harmonia não precisas de ser tão grande como eles. Basta-te que elejas a missão, conforme às tuas forças e virtudes próprias, para servir a comunidade e depois, por mais humilde que ela seja, a realizes em pleno esforço, sinceridade e aceitação.

Eis o que constitui em toda a parte um imperativo de pura humanidade. Mas considera agora quanto maiores são os teus deveres na terra onde nasceste. Tudo aqui solicita os teus braços, o teu cérebro ou o teu coração. Em lugar algum do mundo encontrarias deveres mais imperiosos, instantes e sagrados do que em Portugal. A terra está inculta e as suas fontes de energia correm ou jazem na mesma esterilidade dos tempos pre-históricos. O povo moirejador das fábricas e dos campos, por mais que se ouse proclamar o contrário, continua ignorante, mal alimentado, mal assistido, vivendo quasi todo em escravidão e barbarie, se o compararmos aos trabalhadores da Inglaterra, da França ou da Alemanha. Faltam-nos em todas as actividades, mais que nenhuns outros, os capitais morais, isto é, o espírito de empreendimento e o desejo de progresso. Continuamos, salvo raras excepções, a vegetar em rotina e em ciência livresca. Os indivíduos, os grupos e as classes, divididos por baixas ambições, raro se erguem à compreensão activa das necessidades e interesses colectivos. E, de ódio em ódio, de miséria em miséria, aquêle mesmo espírito de inquisição, que outrora, em nome da fé religiosa, exigia a limpeza da raça, acordou e ergue-se a cada passo *de todos os lados*, exigindo e procurando realizar a *limpeza*, em nome da fé política.

Eis o quadro sumário dos vícios e necessidades mais graves, que te solicitam com urgência. A tua responsabilidade cresce na proporção da inteligência, cultura ou poderio que tiveres. E, se verdadeiramente queres ser um homem, não abandones êste posto, que as circunstâncias tornaram de tanta dôr

e perigo. Pois dos que fogem nas horas mais difíceis será lícito pensar-se que presam mais que o bem comum os seus interesses próprios. Aqui, na terra onde nasceste, exactamente porque são maiores os teus deveres, mais podes afirmar a tua viril humanidade. Quando um povo está ameaçado, como o teu, das piores catástrofes morais, os que partem, os que se isolam, até os que não veem são como os desertores em horas de batalha.

Esta, a estrada que te aponto, eu o sei, é a mais áspera e difícil. Encontrarás pela frente, a tomar-te o caminho, os balôfos, os palradores, os agitados, os pessimistas, os estereis de toda a espécie, para quem o trabalho alheio é a pior das impertinências, e ainda uma parte da opinião pública que aplaude apenas aquêles que por sua vez a lisongeiam. Saberás também que os teus piores inimigos serão sempre aquêles que falharem na carreira em que tu triunfes. E conta que eles, os fracos e os anódinos, nalguma coisa conseguem mostrar talento e esforço: em distilar sobre ti o fel do seu despeito.

Sim, tomar o bom caminho e seguir por êle é duro, mas só assim merecerás a glória de ser homem. Que eu te digo à maneira de Séneca, o grande estoico hispânico: sejam quais forem as circunstâncias da tua vida, aceita-as, tanto melhor quanto mais terríveis elas fôrem, e conduz-te de maneira que sempre possa de ti dizer-se que és um homem. É à tua vontade, é à tua coragem, ao teu poder de sacrificio, ao teu novo desejo e ansiedade que eu me dirijo. Não venho impôr-te um credo. Não. Crê em ti. Constroi a sós contigo a obra do teu destino. És uma fonte de vida. E devés ser a única fonte da tua vida. Distende a tua vontade como um arco. Vai disparado ao alvo com a violência dum dardo, vibrando todo ao caminhar. E principalmente excede-me. Realiza sempre a excedência do que foi. Não ponho limitações ao teu desejo e à tua força. Colhe de todos os sadios frutos da Terra para tornares a vida doce. Mas, mais e melhor vai pela vida fóra, erguendo ao alto nas mãos válidas o facho da tua beleza íntima, embora os fracos fiquem de olhos encandeados e a ti te abrasas na pura labareda.

JAIME CORTESÃO.

* * * * *

O país das amnistias não póde deixar de ser o país das revoluções. O país da impunidade não pode deixar de ser o país da Insegurança colectiva. O país da piedade para com os criminosos não pode deixar de ser o «Paraíso» dos criminosos.